

PRIMEIRA TEATRAL

"BERTOLDO NA CÔRTE"

A ESTRÉIA do "Teatro Stabile della Città di Torino", ontem à noite, no Municipal, constituiu um encontro do novo com o antigo. A peça escolhida para a apresentação da companhia no Rio, "Bertoldo na Côrte", vem de texto quinhentista, divulgado por Giulio Cesare Croce, e foi agora dramatizado por Massimo Dursi (pseudônimo de Otello Vecchiotti). A mesma coisa fez antes Shakespeare: levar contos populares para o palco. É como se o teatro do tempo de Shakespeare, tal como o conhecemos de tantos relatos, se fundisse com as últimas teorias e práticas brechtianas. O conto popular tem, em geral, inesperadas riquezas, no seu humorismo, no seu conteúdo humano, no seu fundo moral, na sua técnica de narrativa. Houve, antes, duas grandes épocas no teatro mundial. A primeira foi a da Grécia clássica. A segunda situou-se na Inglaterra e na Espanha, nos séculos XVI e XVII (Shakespeare e Lope de Vega seriam os modelos do segundo período). Em ambos, a narrativa popular costumava servir de base a muitas peças. Massimo Dursi pertence a essa linhagem, com acréscimos das mais recentes tendências da estética teatral.

Em "Bertoldo na Côrte", a cena é aberta, o pano de boca é abolido. O cenário, tóscico, consta de tablado armado à vista da platéia. Há um côro de maltrapilhos que comenta o texto e forma com ele um todo. Os maltrapilhos representam o povo — a coisa viva. Bertoldo, sua mulher e Bertoldino também são a presença da vida. Nenhum deles usa máscara. Os membros da côrte, ao contrário, têm o rosto pintado e constituem o lado convencional da fábula.

O que impressiona no Stabile di Torino é a superioridade da representação. Seus atôres são ótimos. Como sabem falar, como sabem andar e carregar o corpo! Em "Bertoldo na Côrte", todos trabalham à maneira brechtiana. Não há um só momento do espetáculo em que não se tenha consciência de que aquilo é teatro, é representação, é faz de conta. O exagêro da "naturalidade" exigida por muitos técnicos de teatro desaparece diante da técnica de interpretação de um grupo tão coeso.

Seria difícil destacar os intérpretes num conjunto como o do Stabile. O Bertoldo, Gianni Mantesi, é excelente. O mesmo se pode dizer de Edda Albertini, a môça que faz Isabela. Gostei, principalmente, da rainha, Paola Borboni. O tipo geral da interpretação aproxima-se, também, do teatro de fantoches e para isto muito contribui o aspecto de personagens de baralho que a direção imprimiu nos tipos da côrte.

Não sabemos se esta peça agradará a um público acostumado a certas convenções teatrais. É revolucionária a ponto de chocar o espectador desavisado. É coisa nova reeditada de coisa antiga. Infelizmente, o Municipal não estava cheio. Não acreditamos que as casas melhorem em outros dias e é por isto que fazemos a sugestão de serem convidados estudantes para os espetáculos. Poderiam também ser dadas representações especiais para gente de teatro. Um conjunto homogêneo e seguro como o do Stabile constitui uma aula de teatro em qualquer centro teatral do mundo. O que terá dificultado a compreensão da peça mesmo para os que sabem italiano, é que o tipo de fala usado nesta encenação de "Bertoldo na Côrte" não é o italiano puro, toscano, clássico do teatro da Península Itálica, mas, sim, dialético.

A direção de Gianfranco de Bosio é de absoluta segurança. Teatro com música, versos e texto em prosa, com trechos cantados e outros recitados em marcações rítmicas vocais destinadas a realçar a cadência popular dos versos, tudo isto foi valorizado por Bosio ao máximo. E "Bertoldo na Côrte" vem provar, mais uma vez, como é vasto o campo em que as experiências teatrais podem ser feitas, principalmente num país, como a Itália, que não tem medo das novidades, mas que prefere fundá-las em firmes e seguras tradições.

ZORA SELJAN